

MASCULINIDADES E ESPORTE UNIVERSITÁRIO: EXPERIÊNCIAS EM ATLÉTICAS DE MATO GROSSO

Vitor Kauê Santos Pereira Filho¹
Eduarda Carolina Irber²
Ábia Lima de França³
Vitor Hugo Marani⁴

Resumo: O presente estudo buscou investigar as relações entre corpo, masculinidades e esporte, a partir de incursões com atléticas esportivas de uma universidade pública do estado de Mato Grosso. Dessa forma, trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, realizado por meio de gravações de voz de entrevistas semiestruturadas com 14 homens representantes das 14 atléticas ativas da Universidade Federal de Mato Grosso, especificamente, do Campus Araguaia. Mediante a isso, os resultados desta pesquisa indicaram a reprodução de padrões cis heteronormativos de masculinidade hegemônica no ambiente esportivo universitário, embora houvesse uma tendência para uma masculinidade mais flexível e inclusiva em alguns casos. Além disso, o estudo aponta a relevância de se discutir a temática da masculinidade na universidade e apresenta o ambiente das Atléticas como espaços poderosos para abordar este tema, bem como, outras temáticas que vão além da prática esportiva, mas demarcadas pelo espectro do gênero como construção.

Palavras-chave: Homens. Gênero. Educação Física. Cultura. Heteronormatividade. Prática esportiva.

Abstract: This study sought to investigate the relationships between body, masculinities and sport, based on incursions with sports teams from a public university in the state of Mato Grosso. Thus, this is a qualitative study, of an exploratory nature, carried out through voice recordings of semi-structured interviews with 14 men representing the 14 active sports teams of the Federal University of Mato Grosso, specifically, the Araguaia Campus. Therefore, the results of this research indicated the reproduction of cis heteronormative patterns of hegemonic masculinity in the university sports environment, although there was a tendency towards a more flexible and inclusive masculinity in some cases. In addition, the study points out the relevance of discussing the theme of masculinity in the university and presents the environment of the Sports Teams as powerful spaces to address this theme, as well as other themes that go beyond sports practice, but demarcated by the spectrum of gender as a construction.

Keywords: Men. Gender. Physical Education. Culture. Heteronormativity. Sports practice.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto de uma experiência de iniciação científica e teve como objetivo investigar as relações entre corpo, masculinidades e esporte, a partir de incursões

com atléticas de uma universidade pública do estado de Mato Grosso.

A pesquisa utiliza teorias feministas advindas dos Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies/PCS*), como base teórica para

¹ Universidade Federal de Mato Grosso, Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG), Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. Licenciado em Educação Física.
vkaue999@gmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso, Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG), Maringá, Paraná, Brasil. Mestre em Educação Física.
eduarda.irber@sou.ufmt.br

³ Universidade Federal da Bahia, Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG), Salvador, Bahia, Brasil. Doutora em Educação e Contemporaneidade.
abia@ufba.br

⁴ Universidade Federal de Goiás. Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Doutor em Educação Física.
vitor.marani@ufg.br

interpretar questões relacionadas ao corpo, ao esporte e às relações de poder (Silk; Andrews; Thorpe, 2017).

A investigação observa como os discursos acerca das masculinidades interferem nas experiências de homens no ambiente esportivo, especificamente, daqueles que participam das atléticas universitárias.

Diante desse cenário, poucos estudos sobre o esporte universitário de Mato Grosso foram encontrados. Cleber Dias (2017) explica a ausência de uma grande variedade de estudos esportivos nessa região, embora esse estado seja o terceiro maior do país.

Nos sites de buscas, a exemplo do SciElo, PubMed e do periódico CAPES, não foram encontrados estudos acerca do esporte a partir das atléticas universitárias de Mato Grosso.

Conforme Malagutti, Rojo e Starepravo (2020), a partir do Decreto-Lei 3.617, de 15 de setembro de 1941 (Brasil, 1941), o esporte universitário brasileiro alcançou o reconhecimento legal. Conforme os autores, essa lei permitiu a criação das Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs).

As atléticas são gestoras do esporte no âmbito acadêmico e desempenham um papel crucial, pois são elas que promovem o esporte universitário, por meio de eventos externos como os Jogos Universitários estaduais, brasileiros (JUBs) e competições internas, a exemplo do Intercurso.

Esse estudo usufrui do conceito de corpo, para isso, utiliza-se das contribuições de Goellner (2008, 2010), que aborda o corpo como resultado de uma construção histórica atravessada por diferentes marcadores sociais de diferença.

Dessa forma, o corpo é um agente que transcende as suas limitações biológicas e sociais, mantendo uma constante interação com a cultura, o que resulta no corpo como um efeito da cultura de um determinado contexto (Camargo; Kessler, 2017).

Nessa lógica, o sujeito é moldado pela relação do indivíduo com o seu ambiente social, de modo que, em cada contexto sociocultural, o corpo apresenta diferentes formas de comportamento, o que resultará em efeitos específicos desse indivíduo (Goellner, 2008; Araújo, 2018).

Esse contexto nos direciona para processos cis heteronormativos de significação do corpo que ocorrem em determinados espaços, a que chamamos, neste estudo, de cultura física, a partir da ótica do PCS (Silk; Andrews; Thorpe, 2017).

Ao afirmar que o corpo está em constante mudança, Goellner (2010) explica que o esporte é um desses ambientes em que o corpo é disciplinado. Nesta pesquisa, o esporte é articulado a um dos espaços de cultura física em que ocorrem relações de poder (Lara; Rich, 2017).

A cultura física permite analisar as práticas e os discursos que atravessam corpos em diferentes espaços (Silva *et al.*, 2018). De acordo com Lara e Rich (2017), as discussões acerca da

cultura física têm sido fundamentadas por diferentes abordagens teóricas.

As autoras explicam a ligação entre o sujeito e o corpo, em como essa relação transcende a fisicalidade e ultrapassa a compreensão objetiva desse elo. Essa ação impacta as práticas e discursos (re)produzidos em diferentes contextos em que se está inserido (Silva *et al.*, 2018).

O corpo e a cultura física têm uma relação direta, uma vez que visam compreender e manifestar as práticas corporais. Conforme Silva *et al.* (2018), o corpo se apresenta como um produto flexível, que materializa efeitos advindos dessas relações que ocorrem nos diferentes espaços.

Mediante isso, o interesse pelo tema surgiu a partir do estudo “Corpo, Masculinidades e Cultura Física: mapeamento das pesquisas nos Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies*)” de Pereira Filho, Irber, Marani (2023).

Esse estudo abordou as relações entre a masculinidade e o esporte nos Estudos Culturais Físicos. A pesquisa verificou que o conceito de masculinidade ainda se apresenta sob características tradicionais e hegemônicas nos diferentes espaços de práticas corporais.

Além disso, o trabalho concluiu que essa discussão no contexto esportivo pode contribuir para diversas reflexões sobre a maneira como os homens experienciam a educação física brasileira.

Já no estudo de Ray (2019), por exemplo, foi constatado que camisetas, bolas e cervejas têm o potencial de marcar os corpos como durões, masculinos ou não, e habilidosos, o que demonstra como esses objetos são capazes de materializar masculinidades por meio do esporte.

Além da associação entre corpos-objetos, outros discursos podem ser observados, como as questões relacionadas à saúde, as concepções sobre masculinidades para a determinação dos níveis de atividade física, imagem corporal e cuidado (Anderson, 2009; Brito, 2021; Coffey, 2017; Pringle, 2017).

Em um estudo realizado por Coffey (2017), abordou as masculinidades no contexto esportivo e verificou que todos os homens, ao serem questionados sobre como gostariam que seus corpos se apresentassem, expressaram o desejo de serem mais musculosos.

A autora ainda menciona que os homens estão buscando um corpo masculino ideal, no qual, há um movimento para se ter um corpo musculoso e forte, que se aproxime da masculinidade hegemônica.

O conceito de masculinidade hegemônica se baseia no domínio masculino e, conseqüentemente, na subordinação feminina (Connell, 2005). Esse conceito se aproxima dos padrões naturalizados, que seguem a lógica binária de homem, branco e heterossexual (Butler, 1990).

Anderson (2009), em sua obra, trata do termo *homohysteria*, que apresenta o medo do

homem de ser considerado homossexual ou ter a sua masculinidade questionada, bem como, de sentir a “necessidade” de provar a sua heterossexualidade.

O autor indica haver uma diminuição da *homophobia*. Ele formula o conceito de masculinidade inclusiva, baseado nos homens que adotam comportamentos mais inclusivos, tanto com homens como com mulheres, abdicando de comportamentos considerados hegemônicos.

A masculinidade pode ser entendida como um conceito flexível, sustentado por estruturas e regras sociais que sofrem alterações conforme o contexto histórico da sociedade em questão (Guerra *et al.*, 2015; Connell; Messerschmidt, 2013).

A ideia de masculinidade que defendemos, de acordo com Brito (2021), em termos butlerianos e derridianos, reconhece as significações do masculino no contexto atual, indo além do essencialismo binário, cisgênero, heterossexual, classista e racializado.

Desse modo, com esta pesquisa, espera-se compreender como os homens, durante o período universitário, constroem suas masculinidades e como isso impacta suas experiências no esporte e na atividade física.

O texto a seguir apresenta a seguinte estrutura: 2. Incurções Metodológicas; 3. Resultados e Discussões; 4. Considerações finais; 5. Agradecimentos; e por fim, 6. Referências.

2. INCURSÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, descritivo e indutivo, que se baseia em Denzin e Lincoln (2017). O estudo foi realizado presencialmente, a partir de entrevistas semiestruturadas (Bauer; Gaskell, 2002).

Especificamente, os dados foram coletados por meio da gravação de voz de 14 homens membros das AAAs da Universidade Federal de Mato Grosso, pontualmente, do Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA).

Desse modo, buscou-se investigar as relações entre corpo, masculinidades e esportes a partir de incurções das AAAs da UFMT/CUA. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição, sob o número de protocolo 69567423.9.0000.5587.

É importante salientar que o roteiro de entrevista semiestruturada foi inspirado nos estudos de Richard Pringle (2005, 2017) – autor dos Estudos Culturais Físicos – que estruturou formas de compreender masculinidades “desportivas” no cenário norte-americano.

A UFMT/CUA foi selecionada para a realização da pesquisa, dado o vínculo institucional do autor no período de iniciação científica 2023/2024. Essa universidade oferece 16 cursos de graduação em diversas áreas do conhecimento, cada um deles possui uma atlética correspondente.

Durante a busca inicial, constatou-se que duas atléticas não estavam ativas devido à ausência de uma diretoria. Dessa forma, foram contatadas 14 atléticas, com o intuito de selecionar voluntários que atendessem aos critérios de participação.

A seleção ocorreu mediante indicação da diretoria de AAA, com base nos seguintes critérios de inclusão: ser homem, ser integrante da atlética e aceitar participar de forma voluntária. Os indivíduos que não atenderam os critérios foram inviabilizados de participar.

Após a seleção dos discentes, houve um primeiro contato pelo WhatsApp para apresentação da pesquisa, aceite de participação e, em seguida, agendamento para a realização das entrevistas conforme disponibilidade mútua.

Os encontros foram realizados de modo presencial em julho de 2023, nas dependências da universidade, com duração média de 15 minutos. As entrevistas foram orientadas por meio de um roteiro, constituído por seis perguntas.

Os voluntários receberam uma cópia impressa contendo as questões e tiveram todas as suas dúvidas esclarecidas, tanto pelo aplicativo de WhatsApp, como presencialmente antes da entrevista.

Além disso, receberam duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, após a leitura e concordância, foram assinadas pelo entrevistado e pelo

pesquisador, garantindo que cada um permanecesse com uma cópia, seguindo as recomendações do CEP.

Após a realização das 14 entrevistas, realizaram-se as transcrições por meio do *software Microsoft Word*. Em seguida, foi feita uma revisão metódica para assegurar a fidelidade às falas originais dos entrevistados.

Os dados transcritos foram tabulados visando proteger a identidade dos indivíduos. Os participantes serão identificados no estudo a partir de uma estrutura, por exemplo, E01, E02, E03 e sucessivamente. Abaixo é apresentado o Quadro 1, que apresenta o perfil dos 14 entrevistados:

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

E	I	OS	RD
E.01	24	Homossexual	Negro
E.02	22	Bissexual	Pardo
E.03	19	Heterossexual	Branco
E.04	23	Heterossexual	Negro
E.05	22	Homossexual	Pardo
E.06	21	Heterossexual	Pardo
E.07	19	Heterossexual	Pardo
E.08	20	Heterossexual	Negro
E.09	23	Heterossexual	Pardo
E.10	21	Heterossexual	Branco
E.11	23	Heterossexual	Negro
E.12	20	Homossexual	Branco
E.13	21	Bissexual	Pardo
E.14	20	Heterossexual	Branco

Fonte: Elaborado pelos autores

O Quadro 1 apresenta o perfil dos discentes membros das AAAs da Universidade Federal de Mato Grosso. Observa-se que os 14 estudantes das atléticas têm idades entre 19 e 24 anos, apresentando uma variedade étnica que inclui negros (4), pardos (6) e brancos (4).

Acerca da orientação sexual, a amostra é composta por nove indivíduos heterossexuais, dois bissexuais e três homossexuais. Os voluntários são de diferentes cursos de graduação. Os dados foram interpretados a partir de orientações provenientes da análise de conteúdo de Bardin (2011).

A categorização dos dados ocorreu a partir de temas emergentes das entrevistas, organizados em unidades de registro e referências advindas do contexto. Esse processo resultou em seis categorias, apresentadas e discutidas em dois tópicos a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico expõe os dados e analisa as percepções dos entrevistados sobre as concepções de masculinidades, dividido em dois subtópicos. No primeiro, são apresentadas as ideias dos participantes sobre ser homem e as características associadas à masculinidade.

O segundo subtópico trata da masculinidade no contexto universitário, com foco nas atléticas esportivas, salientando a relevância de debater esse tema na

universidade e o potencial desses espaços para promover discussões relevantes.

Ao longo do tópico, são analisadas seis categorias distintas, três em cada subtópico, proporcionando uma visão abrangente das complexidades das masculinidades no contexto esportivo universitário.

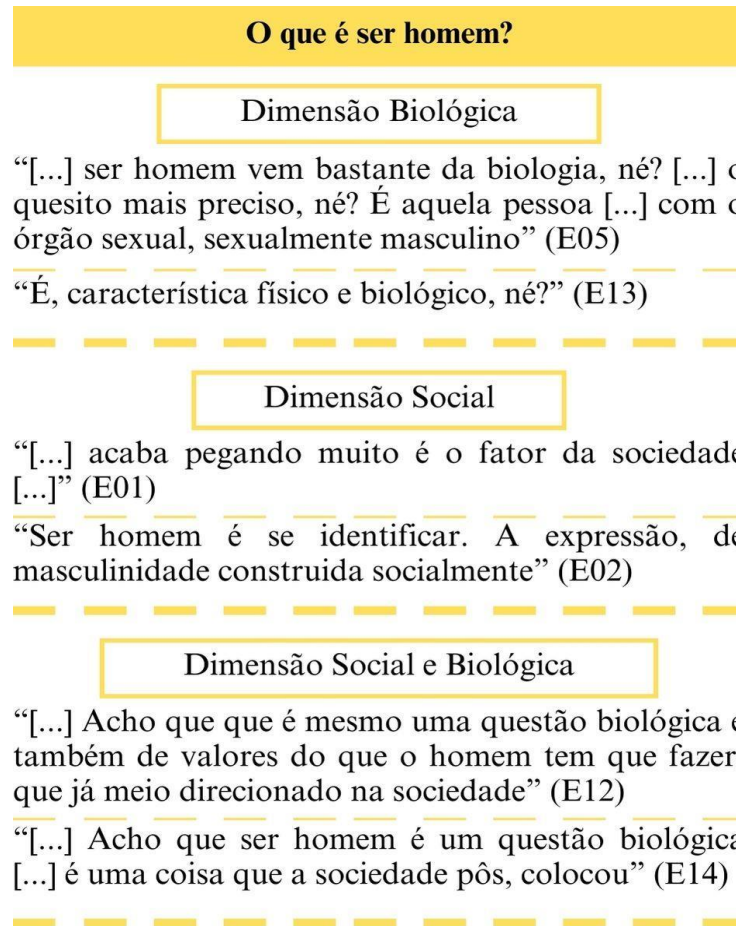
3.1. PERCEPÇÕES SOBRE MASCULINIDADES: A PARTIR DE ESTUDANTES MEMBROS DAS ATLÉTICAS

Este subtópico apresenta e discute as percepções dos entrevistados em relação às concepções de masculinidades. Dessa forma, são apresentadas três categorias, a saber: o que é ser homem; como o homem é definido pela sociedade; e quais são as características típicas de um homem.

Cada categoria se estrutura a partir de subcategorias elaboradas a partir das falas dos participantes da pesquisa. A seguir serão apresentadas três figuras, que nos auxiliam na discussão de cada categoria e suas subcategorias.

A Figura 1 aborda discussões acerca da categoria **o que é ser homem** e apresenta três subcategorias, a saber: Dimensão Biológica; Dimensão Social; Dimensão Biológica e Social. A primeira subcategoria se intitula como Dimensão Biológica e atribui as características de ser homem à biologia.

Figura 1 - Categoria “o que é ser homem?”



Fonte: Elaborado pelos autores

De maneira específica, os entrevistados E05 e E13 relacionaram seus entendimentos acerca da masculinidade às questões biológicas e físicas, especialmente aos órgãos genitais masculinos.

Embora seja notório nas falas dos entrevistados, Judith Butler (1990) argumenta que o gênero não pode ser reduzido à biologia, mas é efeito de um processo de construção social.

Desse modo, a atuação como homem implica em atravessamentos socioculturais e, conforme a autora, está ligada à identidade. A

identidade é parte do sujeito e materializa os marcadores sociais de diferença, que podem ou não corresponder à norma hegemônica.

Os mecanismos que constituem a identidade são flexíveis e partem de processos de reconhecimento ou marginalização de uma materialidade que pode seguir ou fugir da lógica binária. Conforme Butler (1990) explica, essa lógica é guiada por meio do espectro social masculino e feminino.

Esses aspectos demarcam e atribuem valores a corpos, orientados por processos de naturalização, regidos pelo ideal de sujeito

homem, branco e heterossexual (Butler, 1990). Esse contexto impacta sujeitos em diferentes camadas da sociedade, dentre elas, o contexto esportivo universitário.

A segunda subcategoria, a Dimensão Social, representada a partir das falas dos E01 e E02, relaciona a figura do ser homem a diversos fatores, em sua maioria, a fatores sociais, que a sociedade impõe a um determinado contexto.

O fator social é relevante para a construção da identidade masculina dos indivíduos, o que resulta em um modelo de masculinidade. Nesse sentido, Bourdieu (2001) analisa como as estruturas patriarcais são replicadas ao longo do tempo.

O autor reforça algumas perspectivas masculinas impostas socialmente e isso se

relaciona com a terceira subcategoria, a Dimensão Social e Biológica, representada pelas falas dos E12 e E14, representando que ser homem é uma combinação entre as dimensões biológicas/físicas e sociais.

Essa categoria se direciona para três perspectivas distintas. A primeira subcategoria se refere à biologia, a segunda subcategoria evidencia a influência social na formação da identidade masculina, já a terceira subcategoria enfatiza a interação entre as dimensões.

Essa categoria apresenta fragmentos da concepção geral dos alunos sobre a masculinidade, que são efeitos de construções sociais, históricas e culturais. Dito isso, analisaremos a segunda categoria, intitulada **como o homem é definido pela sociedade**, presente na Figura 2.

Figura 2 - Categoria “como o homem é definido pela sociedade?”

Como o homem é definido pela sociedade?

Papel de Provedor e Protetor

“[...] é aquele cara que provê dentro da sociedade [...] ele só tem valor enquanto ele é capaz de prover [...]” (E08)

“Progenitor da casa. E que deve ser quem vai oferecer proteção para a família” (E12)

Normas de comportamento masculino

“[...] é aquele que tem que ser mais sério, mais durão [...] tem que tá na frente das coisas pra resolver e ele que assume as responsabilidades da maioria das coisas [...]” (E03)

“A sociedade ela induz que o homem tem que ser um alfa, assim por dizer. Tem que ser superior, tem que ser convicto do que faz” (E09)

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à percepção dos entrevistados sobre como o homem é definido socialmente, conforme mostrado na Figura 2, apresentamos duas subcategorias. A primeira subcategoria aborda o papel de provedor e protetor do homem na sociedade.

As falas dos E08 e E12 evidenciam que o homem, socialmente, tem que desempenhar o papel de provedor e protetor da família. Precisamente, o E.08 relata que “o homem só tem valor se for capaz de prover e gerar frutos que sustentem sua família”.

Conforme os entrevistados, essa seria uma forma de estabelecer uma perspectiva social, que avalia o homem por meio de sua capacidade de prover. Nesse sentido, Wang, Jablonski e Magalhães (2006) salientam que, atualmente, o homem não é o único provedor nem o principal da família.

De acordo com os autores, esse panorama permite que a identidade masculina seja modificada, promovendo ao sujeito que se reconhece como homem, a possibilidade de comportamentos diferentes, que perpassam essa lógica hegemônica, de homem másculo e autossuficiente.

Esse aspecto vai ao encontro da segunda subcategoria, denominada como normas de comportamento masculino. Este eixo de discussão está representado pelas falas dos E.03 e E.09, que abordam como a

concepção de homem é regida por padrões de comportamento estabelecidos socialmente.

Na lógica dos voluntários, espera-se que o homem seja um sujeito sério, forte, resistente e que ocupe uma posição de alfa, na qual ele seja dominante. Dessa forma, as duas subcategorias são coerentes com a noção de masculinidade hegemônica, na qual o homem é um ser forte e dominante (Connell, 2005).

Esses dados demonstram, como a representatividade acerca da masculinidade ainda, em linhas gerais, se aproxima de uma figura hegemônica e, conforme argumenta Butler (1990), performativa.

Desse modo, é regida por aspectos heteronormativos, que se aproximam da ideia do homem como forte, másculo, que é resistente à dor, que não demonstra sentimentos e etc (Connell, 2005).

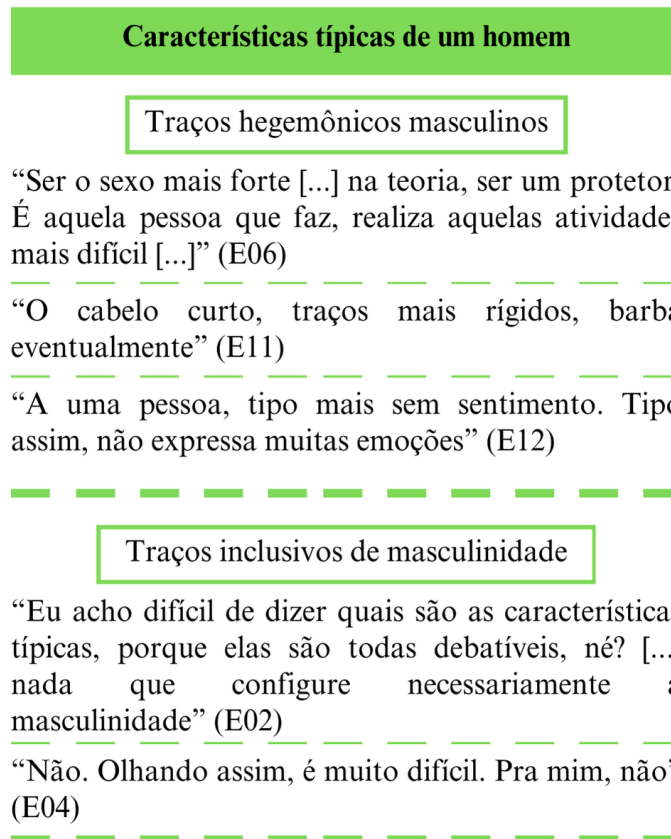
Portanto, as duas subcategorias aqui apresentadas refletem uma percepção comum entre os entrevistados, no modo em que o homem é definido socialmente e assemelha-se a valores tradicionais que se aproximam de uma masculinidade dominante e opressora.

Esse panorama, que delimita aspectos hegemônicos da masculinidade, nos proporciona refletir acerca de uma masculinidade que não se aproxima dessas argumentações tradicionais, mas se direciona para um aspecto de masculinidade mais flexível e inclusiva.

Essa reflexão nos direciona para a última categoria deste subtópico, intitulada como características típicas de um homem. Essa subcategoria relaciona aspectos

hegemônicos e inclusivos da masculinidade, elaborados de maneira indutiva, a partir dos relatos dos estudantes, conforme a figura 3.

Figura 3 - Categoria “Características típicas de um homem”



Fonte: Elaborado pelos autores

A figura 3 aborda a terceira categoria deste subtópico, que discute acerca das **características típicas de um homem**. Essa categoria emergiu dos relatos e apontou certas especificidades da masculinidade, seja ela mais próxima da hegemônica ou da inclusiva.

Um desses traços estrutura a subcategoria denominada Traços Hegemônicos, que apresenta percepções sobre um comportamento masculino marcado por

características hegemônicas, notado a partir das falas dos E06 e E11.

De acordo com esses estudantes, o homem apresenta características físicas e normas de comportamento que indicam atitudes dominantes ou padrões hegemônicos de ideal de masculinidade, o que se adequa ao conceito hegemônico (Connell, 2005).

A fala do E12, por exemplo, demonstra que os homens não expressam ou escondem suas

emoções. Essa supressão de sentimentos, conforme Kimmel (2013), pode ter um impacto negativo na saúde mental masculina e nas relações interpessoais.

Se contrapondo a essa perspectiva, a segunda subcategoria, intitulada **Traços Inclusivos**, aponta para a desconstrução de conceitos tradicionais de masculinidade (Butler, 1990; Connell, 2005).

Os relatos desse eixo questionaram esse padrão tradicional, por exemplo, o E02 e o E04, apresentaram dificuldades em identificar as características típicas do homem, ou seja, não reconheceram uma forma única de materializar a masculinidade.

Especificamente, o E02 afirma que todas as características são debatíveis, o que implica que não há um comportamento exclusivamente masculino. Dessa forma, essa subcategoria se direciona para um conceito de masculinidade inclusiva.

Anderson (2009) argumenta que a masculinidade inclusiva parte de homens que adotam comportamentos mais inclusivos, apresentando traços inclusivos tanto com os homens quanto com as mulheres, distanciando-se de comportamentos considerados tradicionais entre os homens.

Diante disso, as duas subcategorias apresentadas demonstram a perspectiva dos entrevistados em relação às características típicas dos homens. A análise revela uma transição dos conceitos tradicionais de

masculinidade para um entendimento mais flexível.

Esse contexto indica uma compreensão que materializa maior tolerância e empatia entre os homens no contexto esportivo e sugere um desenvolvimento das concepções, que se aproximam de uma perspectiva multifacetada.

Ao longo deste subtópico, aborda-se acerca das percepções sobre a masculinidade por meio das falas dos entrevistados. Deste modo, foi possível notar que ser homem é uma combinação de elementos biológicos e sociais. Entretanto, ainda existem normas hegemônicas de comportamento para o homem.

Além disso, foi notado um processo de alteração na percepção de masculinidades ao longo das entrevistas, de forma que o entendimento dos entrevistados está se afastando das concepções tradicionais.

Já no próximo tópico, a análise emerge a partir dos relatos dos estudantes e visa o desenvolvimento de discussões acerca do papel das atléticas na abordagem e iniciativas acerca das discussões de gênero, especificamente, da masculinidade.

O subtópico a seguir apresenta três categorias, resumidas em três figuras distintas, que discutem acerca da discussão de masculinidades na universidade; da ausência de discussões nas atléticas; e as atléticas como espaço de promoção de discussões.

3.2. MASCULINIDADES NA UNIVERSIDADE: PAPEL DAS ATLÉTICAS ESPORTIVAS

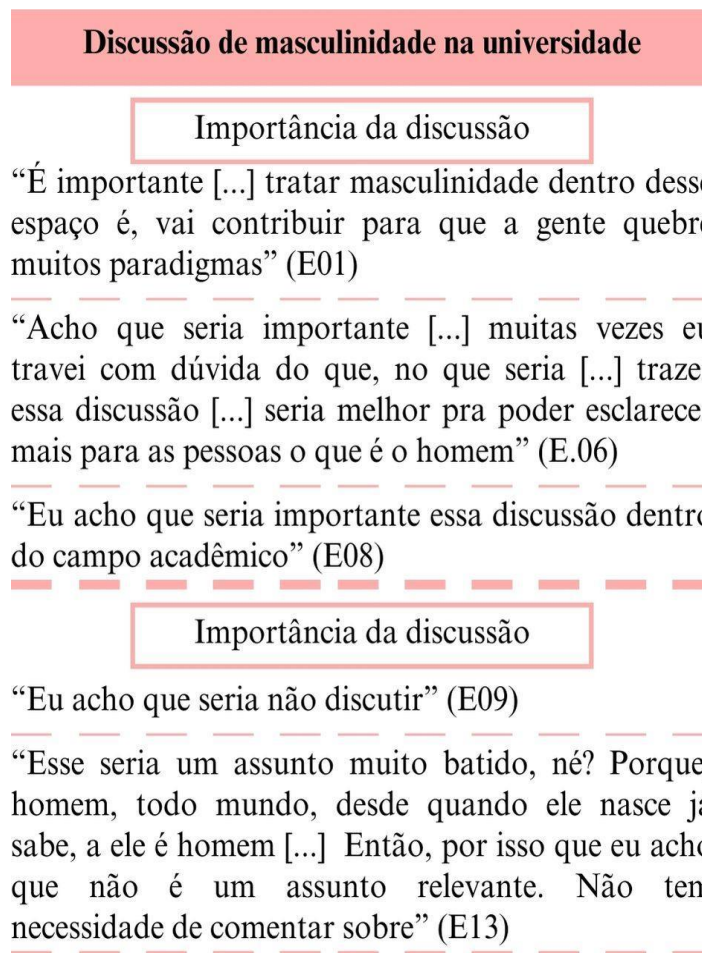
Este subtópico visa apresentar e discutir a masculinidade na universidade, a partir do relato dos participantes, direcionando como se dá o papel das atléticas esportivas. Desse modo, projetando as possibilidades de iniciativas das AAAs, para além do contexto esportivo.

As percepções dos entrevistados são apresentadas em três figuras distintas, que

apresentam categorias e, em dois casos, subcategorias. Essas discussões foram identificadas de maneira indutiva a partir dos relatos dos 14 participantes.

As categorias a serem debatidas são: **a discussão de masculinidade na universidade**; **a ausência de discussões sobre gênero e outros temas** nas atléticas; e as **atléticas como um espaço para a promoção de discussões**. Conforme demonstrado a partir da figura 4, a seguir.

Figura 4 - Categoria “Discussão de masculinidade na universidade”



Fonte: Elaborado pelos autores

A figura 4 esquematiza os relatos que constituem a categoria que aborda as discussões de masculinidade na universidade. Dessa forma, foram identificadas duas subcategorias que se dedicam a esse debate.

A primeira subcategoria está representada pelas falas dos voluntários E01, E06, E08, E09 e E13. Desse modo, se intitula como a Importância da discussão e indica a relevância de se abordar a temática de masculinidades em ambientes universitários.

Nesse sentido, o E06 teve dificuldades para se expressar sobre o tema, o que reforça a necessidade de compreender a masculinidade, uma vez que o ambiente universitário proporciona a aquisição de novos conhecimentos e a formação humana plural.

Já o E05 sugere que a discussão sobre masculinidade na universidade pode contribuir para a quebra de paradigmas. Isso possibilita refletir sobre os dogmas que regem a masculinidade, uma vez que certos padrões de masculinidade podem prejudicar os homens (Kimmel, 2013).

Em contrapartida, foram identificados relatos que se contrapõem a essa ideia que reconhece a relevância da discussão acerca das masculinidades na universidade. Como resultado, temos a subcategoria Descrença na relevância da discussão, originada de falas de dois entrevistados.

O E09, por exemplo, demonstra aversão à ideia de se discutir o tema, no

entanto, é favorável à apresentação de uma abordagem sobre a masculinidade na universidade. Já o E13 diz que a temática é irrelevante para ser discutida no ambiente acadêmico e todos sabem sobre.

O depoimento do E13 em questão, evidencia que não é necessário discutir sobre a masculinidade na universidade, isso pode significar uma resistência ao modelo dominante ou uma satisfação.

Essas duas subcategorias caminham em direções distintas, tanto ao indicar que seria proveitoso apresentar e discutir o tema a respeito, como na manifestação da descrença quanto à relevância do tema na universidade, questionando a necessidade de se abordar o tema.

Sob uma perspectiva mais global do estudo, é possível concluir que a discussão sobre masculinidades na universidade pode ter efeito benéfico para os acadêmicos, uma vez que 12 entrevistados enfatizaram a importância de se discutir esse tema.

Ao seguir essa lógica de discutir masculinidade no ambiente universitário, será apresentado de maneira mais específica como essa discussão se dá nas atléticas da UFMT/CUA. Esse panorama está representado na figura 5.

A figura 5 apresenta como essas discussões são realizadas nas atléticas e revela que as atléticas analisadas não apresentam nenhuma discussão a respeito do comportamento masculino no campo desportivo, nem mesmo sobre gênero ou outros temas.

Figura 5 - Categoria “Ausência de discussões sobre gênero e outros temas”

Ausência de discussões sobre gênero e outros temas

Até o presente momento, não. Com a comunidade LGBTQIA+, não [...]” (E01)

“Cara, a oportunidade debater não. Porque a atlética não tem promovido nada, nenhum, nenhum meio de comunicação assim, entre os participantes” (E02)

“Pior que a gente não, não tem feito essas práticas, foi bom até você pontuar que eu, que eu levo pra frente, mas a gente não tem essas discussões” (E11)

“[...] eu acho que esse é assunto muito batido e todo mundo é adulto, né? Todo mundo que, como deve se portar, então acho que esse assunto, ainda mais do meu curso [...] acho que 80, 90 por cento é mulher, então acho que seria um assunto irrelevante” (E13)

Fonte: Elaborado pelos autores

Dessa forma, a categoria identificada explica que **não há discussões de gênero e outros temas** nesses ambientes. Vale salientar que esse panorama foi identificado de maneira unânime em todas as entrevistas realizadas, representados na figura 5 por meio das falas voluntários E 01, 02, 11 e 13.

Esses resultados demonstram um déficit de discussões de gênero no ambiente esportivo universitário. Os pesquisadores Anderson e McCormack (2010) reforçam a relevância de instituições acadêmicas, como as atléticas, para a resistência às normas hegemônicas.

Os autores argumentam que esses ambientes são importantes para proporcionar momentos de reflexão e formação sobre temas emergentes, visto que, parte significativa dos discentes se envolvem e participam, em algum momento da graduação, de alguma atividade que envolva as atléticas.

Apesar de não haver nenhuma discussão, os entrevistados demonstraram um grande incentivo à participação feminina nas atividades esportivas, como pode ser notado na fala do E06, que disse: “[...] está incentivando muito a prática esportiva feminina”.

Conforme Zeferino, Barletto e Salles (2013), essa perspectiva pode contribuir significativamente para a desnaturalização das diferenças/desigualdades de gênero no ambiente universitário, desestabilizando o campo esportivo masculino e criando discussões práticas.

Em linhas gerais, a análise realizada a partir dessa categoria demonstra que as atléticas não têm se dedicado a discutir temas relacionados à masculinidade, apesar de

reconhecer a relevância de se discutir questões de gênero na universidade.

Além disso, constata-se que, atualmente, não há discussões sobre nenhum tema no contexto pesquisado. Essa perspectiva nos direciona para outra categoria identificada e representada a seguir por meio da Figura 6, que apresenta as Atléticas como espaço para promoção de discussões.

Figura 6 - Categoria “Atléticas como espaço para a promoção de discussão”

Atléticas como espaço para a promoção de discussão

Reconhecimento da atlética como espaço para discussões de gênero

“Sim, acho que ela tem essa oportunidade. E, é quase um dever, né?” (E02)

“Sim. É, porque é tipo a atlética, tem uma força de influência muito grande[...]” (E04)

“[...] eu acho que, que sim, a atlética poderia levantar uma pauta sobre a masculinidade e usar o poder de influência dela [...]” (E08)

Propostas de ações para promover discussões sobre gênero na atlética

“[...] as redes sociais de cada atlética. É, é uma maneira muito boa de se trabalhar [...]” (E01)

“[...] é começar a lançar eventos [...] para além da prática esportiva, é trazer pessoas que tenham conhecimento na área pra falar sobre [...]” (E02)

“Promover encontros. A atlética, ela tem um poder disso, pra poder debater [...]” (E07)

Fonte: Elaborado pelos autores

A atlética, como um espaço para promoção de discussões, é uma categoria representada por meio da figura 6 e apresenta duas subcategorias: Reconhecimento da importância da Atlética como espaço para discutir gênero; e Propostas de ações para promover discussões sobre gênero na atlética.

A primeira subcategoria enfatiza o poder e influência das atléticas nas universidades, o que torna um espaço potente para a promoção de discussões que extrapolam o campo desportivo.

Os depoimentos dos E02, E04 e E08 demonstram que as atléticas têm força e influência para fomentar a prática esportiva nas universidades, bem como ajudar a superar obstáculos, promover a justiça social, atentos às demandas atuais que interferem nas experiências dos atletas.

A segunda subcategoria, intitulada como Propostas de ações para promover discussões sobre gênero na atlética, apresenta sugestões para promover debates sobre temas que extrapolam o campo desportivo.

As falas dos E02 e E07, apresentam algumas propostas de ações que as atléticas podem realizar. Por meio da promoção de debates e palestras, é possível contribuir para a reflexão sobre diversos temas, usando o diálogo como uma ferramenta de transformação social (Freire, 1970).

Além disso, o E01 menciona as redes sociais das atléticas como um meio de

promover discussões, o que demonstra a influência midiática das atléticas, sugerindo que as plataformas digitais seja dadas uma forma de abordar temas como a masculinidade (Castells, 2012).

De maneira geral, essa categoria apresenta, por meio de suas duas subcategorias, a influência das atléticas na universidade, bem como a responsabilidade social de promover debates, palestras e diálogos a respeito de temas que extrapolam o campo esportivo.

Além disso, as atléticas apresentam uma elevada interação nas mídias sociais, o que corrobora sua influência e a capacidade de estar presente no dia a dia dos estudantes. Essa ferramenta se apresenta como potente para que temas e discussões de gênero cheguem aos discentes.

Este subtópico analisou os dados das entrevistas com 14 homens que reconheceram e destacaram a importância de abordar a masculinidade na universidade, seja pelos meios digitais, seja a partir de encontros e debates.

Embora as discussões de gênero nas atléticas sejam reconhecidas como relevantes, foi identificada uma lacuna latente nesse contexto, já que não existem iniciativas que abordem tais temáticas. Desse modo, a última categoria apresentou sugestões para ampliar as discussões além do esporte.

Este panorama permite uma análise aprofundada das relações entre os aspectos desportivos e as construções de gênero nas

atléticas universitárias de Mato Grosso, fornecendo percepções significativas sobre as experiências dos estudantes homens nesse cenário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar as relações entre corpo, masculinidades e esporte a partir de incursões por uma Universidade Pública de Mato Grosso. Dessa forma, foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas para acompanhar o debate acerca das masculinidades no ambiente esportivo universitário.

A partir dos relatos, os dados foram discutidos em dois tópicos: I) Percepções sobre Masculinidades: A partir de estudantes das Atléticas; e II) Masculinidades na Universidade: Papel das Atléticas Esportivas.

Os discentes participantes desta pesquisa têm entre 19 e 24 anos, sendo seis homens pardos, quatro negros e quatro brancos; dez heterossexuais, dois bissexuais e dois homossexuais, discentes de diferentes cursos de graduação nas áreas do saber.

Os entrevistados demonstraram uma percepção tradicional do conceito de masculinidade, fundamentada na biologia, que atribui ao homem os papéis de protetor e provedor, frequentemente associados à dominância e práticas opressivas e heteronormativas.

No entanto, uma análise aprofundada revelou uma alteração nos paradigmas tradicionais, o que sugere uma maior aceitação de uma masculinidade mais flexível e socialmente desconstruída.

Além disso, foi notório que a discussão sobre as masculinidades na universidade surge como uma questão relevante e potencialmente benéfica para os estudantes, como indicado pelos 12 entrevistados, que enfatizaram a importância de se discutir esse tema.

A análise revelou uma lacuna significativa, uma vez que, apesar de reconhecer a importância de se discutir questões de gênero nas universidades, as atléticas não têm abordado temas relacionados à masculinidade nem a outras temáticas ligadas ao gênero.

Os resultados sugerem que as atléticas têm uma influência significativa na comunidade estudantil e podem usar seu engajamento para promover debates, palestras e diálogos sobre questões que vão além do campo esportivo. Dessa forma, podem promover um ambiente mais inclusivo e consciente.

Por fim, os resultados desta pesquisa podem embasar futuras produções acadêmicas e políticas esportivas na universidade. Apesar de este estudo se concentrar em um contexto específico, outras pesquisas podem investigar a masculinidade em diferentes contextos universitários.

5. AGRADECIMENTO

Agradecimento especial ao Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Educação Física (CODEF/UFG/CNPq), que encabeçou os estudos para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT), que possibilitou recurso pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ao primeiro autor deste trabalho.

Por fim, este texto foi desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, que possibilitou à segunda autora, a bolsa na pós-graduação para coorientação deste estudo.

6. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, E. Inclusive masculinity: the changing nature of masculinities. New York: **Routledge**, 2009.
- ANDERSON, E.; McCORMACK, M. Comparing the Black and Gay Male Athlete: Patterns in American Oppression. **Journal of Men's Studies**, v. 18, n. 2, p. 145-158, 2010.
- ARAÚJO, B. M. R. de et al. O CORPO VIRTUALIZADO NAS RELAÇÕES TECNOLÓGICAS COM O ESPORTE NOS JOGOS DE VÍDEO E MÍDIAS INFORMACIONAIS. **Journal Of Physical Education**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 1-11, 2018. Universidade Estadual de Maringá.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2001.
- BRASIL. Decreto-Lei nº **3.167/41**. Estabelece as bases de organização dos desportos universitários. 1941.
- BRITO, L. T. de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/cuir/kuir*: disputas no esporte. **Rev. Estud. Fem.**, v.29, n.2, p.1-14 mai/ago, 2021.
- BUTLER, J. Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. New York: **Routledge**, 1990.
- CAMARGO, W. X.; KESSLER, C. S. ALÉM DO MASCULINO/FEMININO: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 47, p. 191-225, jan. 2017.
- CASTELLS, M. Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: **Paz & Terra**, 2012.
- COFFEY, J. Aestheticized bodies. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Ed.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London: Routledge, 2017. p. 218-227.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 5. ed. Londres: Sage, 2017.

DIAS, C. Esportes nos confins da civilização: mato grosso, 1920-1930. **Topoi (Rio de Janeiro)**, [S.L.], v. 18, n. 34, p. 66-90, jan. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x0183404>.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: **Paz & Terra**, 1970.

GOELLNER, S. V. A Educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação Rbce**, [s. l.], p. 71-83, mar. 2010.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUERRA, V. M. *et al.* Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. **Psicologia e Saber Social**, v.4, n.1, p. 72-88, 2015.

KIMMEL, M. *Angry White Men: American Masculinity at the End of an Era*. New York: **Nation Books**, 2013.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, 2017.

MALAGUTTI, J. P. M.; ROJO, J. R.; STAREPRAVO, Fernando Augusto. O esporte universitário brasileiro: organizações oficiais e as associações atléticas acadêmicas. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 9, n. 8, p. 1-18, 21 jun. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5325>.

PEREIRA FILHO, V. K. S.; IRBER, E. C. ; MARANI, V. H. Corpo, masculinidades e cultura física: mapeamento inicial de pesquisas nos estudos culturais físicos (physical cultural studies). **Corpoconsciência**, v. 27, e15076, p. 1-18, 2023.

PRINGLE, R. Masculinities, Sport, and Power. **Journal of Sport and Social Issues**, v.29, n.3, p. 259-278, 2005.

PRINGLE, R. On the Development of Sport and Masculinities Research: feminism as a discourse of inspiration and theoretical legitimation. **The Palgrave Handbook Of Feminism And Sport, Leisure And Physical Education**, [S.L.], p. 73-93, 2017.

RAY, J. The Postqualitative Turn in Physical Cultural Studies. **Leisure Sciences**, [S.L.], v. 41, n. 1-2, p. 91-107, fev. 2019.

SILK, M. L.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017.

SILVA, M. M. *et al.* Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 44, p. 1-23, 2018.

WANG, L.; JABLONSKI, B.; MAGALHÃES, A. S. Identidades masculinas: limites e probabilidades. **Psicol. rev.**, v. 12, n. 19, p. 54-65, 2006.

ZEFERINO, J, C.; BARLETTO, M.; SALLES, J. G. do C. A participação de mulheres no esporte universitário: um campo em disputa. **Movimento**, Porto Alegre, v;19, n.02, p.11-30, 2013.